O mito do judaísmo de Cristo

José Bochaca

O mito do judaísmo de Cristo

José Bochaca

O mito do judaísmo de Cristo

"A verdade é que se há de acreditar", dizia Voltaire. Hoje, é uma dessas verdades o judaísmo de Cristo. "Jesus cristo foi judeu", é uma frase, pronunciada apenas há um par de séculos atrás teria podido custar o seu autor a incorrer nos rigores da Inquisição. Hogaño, esta frase, à força de ser repetida, escrita e oralmente, milhões de vezes, tornou-se um axioma, em um lugar comum, em algo tão indiscutível, que, se ainda repete muitas vezes, é quase com o único objetivo de servir de escudo ou de caução moral a tal ou qual grupo de judeus, para precaverse da reação dos não-judeus contra os seus métodos comerciais, políticos ou sociais. Quando alguém diz, por exemplo, que os inventores e a imensa maioria dos propagadores do comunismo são judeus, que os judeus são, na esmagadora maioria dos membros da fraude internacional de finanças e que também o são - e foram - tal ou qual traficante de pornografia, vigarista, criminal crapuloso, Ginzberq, Stavisky, Caryl Cheesmann, etc. em vez de replicar com argumentos lógicos e coerentes - como pode, evidentemente, ser feito, com maior ou menor fortuna - um enxame de bons clérigos e bondosos leigos vos dirão, com unção, que também nosso Senhor, Jesus cristo, o povo judeu."

E o que mais nos surpreende é que, na insólita vizinhança com esses piedosos personagens, e fazendo coro com eles estão os anti-cristãos, por definição, ateus, comunistas e toda a variada fauna de companheiros de viagem. Na verdade, para um cristão e, em particular, católico, Jesus cristo não pôde ser judeu. O católico que tildare de judeu a Cristo cometido uma heresia. Pelo menos, enquanto que um novo concílio super-aperturista não modificare o Credo e, lá onde durante séculos se diz "concebido por obra e graça do Espírito Santo", se mandará dizer, por exemplo, "concebido por obra e graça de Samuel Levy." Um judeu, de acordo com o Talmude, segundo a legislação do atual Estado de Israel, e de acordo com seis anos de tradição universalmente conhecida, é descendente de um judeu e de uma judia. Para o cristão, Jesus cristo é o filho de Deus, não de um homem. Isso deixa escavação de valas o assunto para o católico, e para a maioria de protestantes, de boa-fé.

Humanamente falando, só pode ser considerado judeu Jesus cristo, partindo de indemostrados preconceitos ou arropándose na mais brutalmente ignorância. É sabido que Cristo era galileu. A palavra Galiléia (de Gelil haggoyim) significa literalmente distrito de pagãos. Parece que este canto do norte da Palestina, tão longe de seu centro espiritual, Jerusalém, não teve nunca, racialmente falando, uma população homogênea e pura, nem mesmo nos tempos antigos em que a Galiléia era a pátria das tribos de Naftali e Zebulom. Naftali, acima de tudo, se caracterizou desde o início por sua extracção muito misturada e sua população não-israelita concentrou-se, sobretudo, na Galiléia. Quando, dez séculos antes de Cristo, Israel dividiu-se em dois reinos independentes, a Judéia e a Galiléia, não houve nenhum laço político entre ambos os territórios, como não fora muito curtos intervalos... e é a união política somente, e não uma identidade de crenças religiosas, o que assegura a fusão dos povos.

No ano de 720 a.C. Galiléia havia sido destruída pelos assírios, e sua população bem em sua totalidade, de acordo com o historiador judeu Graetz, em suas 4/5 partes, de acordo com o historiador Robertson Smith, deportada, sendo substituída por pessoas provenientes da Assíria e na Grécia, os monarcas e os primeiros arianos e arianos puros os segundos. Entre os dois historiadores concordam que, além de assírios e gregos, permitiu-se a instalação de numerosas tribos de pastores citas.

O húngaro Ferenc Zajhty pretende que "os judeus estavam seguros de que Jesus não

era de sua raça." Zajhty assegura que, no século VII a.C. o rei assírio Salmanasar, levou cativa a toda a população, então, parcialmente judaica da Galiléia. Os pastores citas e os novos colonos gregos, assírios e macedônios, que subseqüentemente ocuparam o espaço das populações deslocadas, adotaram o credo religioso judeu, mas, segundo a expressão dos próprios judeus, "estavam apenas sob as leis judaicas." "Os judeus - termina Zajhty - nunca aceitaram os galileus, por terem como verdadeiros descendentes do santo patriarca Abraão."

Durante os séculos que antecedem o nascimento de Cristo, verifica-se a imigração de numerosas colônias de fenícios e gregos na Galiléia, de acordo com Houston Stewart Chamberlain, e é especialmente Albert Reville quem precisa que as imigração dos semitas (fenícios) superaram em razão de dois para um dos arianos (gregos e macedônios) Alexandre, o Grande, em 331 a.C. expulsou os moradores de Samária, reemplazándolos com os macedônios; uma importante parte desses macedônios migrou, por sua vez, à terra dos gentios, ou Galiléia.

Está fora de toda dúvida que, nas terras da Galiléia, fecundas e de fácil acesso - ao contrário da Judéia, praticamente incomunicável - cohabitaban multidão de água, com exceção da propriamente chamada raça judaica. No Antigo Testamento, conta-se como os moradores de Galiléia, no meio da multiplicação de animais selvagens em seu território como um sinal de a vingança dos deuses do país, e delegaron uma embaixada ao rei dos assírios, pedindo-lhes que enviasse um sacerdote israelita de que ele tinha cativos, e o padre veio e ensinou os galileus o culto do Deus de Jerusalém. E foi assim que os habitantes da Palestina do norte (Samaria e Galiléia) chegaram a ser judeus pela religião, mesmo quando os samaritanos levaram muito pouca sangue judaica em suas veias, e os galileus, por terem praticamente nenhuma.

Graetz afirma que, entre as invasões - seguidas de deportação - de assíria, um pequeno número de judeus que havia voltado a se infiltrar na Galiléia, dedicando-se a atividades comerciais e de cambistas. Segundo o Livro I dos Macabeus, o caudilho hebreu Simão Tharsi reuniu todos os judeus que haviam retornado à Galiléia e lhes obrigou a voltar para a Judéia, para todos, sem exceção, no ano 164 a.C.

A originalidade do caráter nacional galileu é marcada por outro sinal infalível: a língua. Nos tempos de Cristo, na Judéia se falava em aramaico. O hebraico, já então, como língua morta, apenas sobrevivia nos escritos sagrados. Os galileus usavam um dialeto do aramaico tão diferenciado do empregado por judeus que até uma empregada podia reconhecer ("Sua língua foi traído", ele grita uma criada do Sumo Sacerdote São Pedro) os galileus, por terem lhes estava proibido de orar em voz alta uma vez que a sua pronúncia defeituosa animado da noite. Ernest Renan, igualmente, confirma a impossibilidade de os galileus para pronunciar esses sons guturais. Este fato, segundo Chamberlain, denota uma anomalia da estrutura da laringe o galileus, comparada com a dos judeus, e a existência, bem demonstrada, de um caráter de ordem somática, que lhes diferença, autoriza a presunção de uma forte irrigação de sangue aria entre os galileus, porque a abundância de sons guturais é um traço comum a todos os povos semíticos e praticamente não existe entre os arianos.

Louis Marschalsko, faz notar que as antigas leis judaicas protegiam os judeus ao máximo e que a sentença de morte só podia ser um ladrão ou um estih, é dizer a uma pessoa que tentasse persuadir os judeus a abandonar seu credo ou causar uma brecha em sua unidade racial. De acordo com as antigas leis e costumes judaicos, a possibilidade de escapar da pena de morte deixada aberta em todos os casos, e até

o último instante. No caminho entre a prisão e o local de execução dentro de um observador a cada cem passos. O dever de tais observadores era indicar se algum novo testemunha queria dar testemunho suplementar de isenção em favor do réu. Esse testemunhas de última hora, davam-se a conhecer levantando sua mão direita. O réu tinha assim o direito a novo julgamento, e, em ocasiões, de acordo com a qualidade da nova prova apresentada, foi indultado ipso facto. É raro que a procissão que seguiu a Cristo até o Calvário, ninguém, nem um só de seus apóstolos, nem um sequer de seus discípulos, nem um só dos judeus, que o aplaudiram o domingo anterior em Jerusalém, levante sua mão para testemunhar em seu favor e salvá-lo, e aqui, segundo Marschalsko, reside a prova decisiva de que Ele não era judeu. pois, o privilégio de um novo julgamento ou de uma anistia - que poderia ser obtido despeito de algum ato meritório do réu - apenas era aplicável aos judeus, e ele ficavam excluídos os gentios, os estrangeiros, e os que dependiam da lei judaica, mas não eram racialmente judeus.

De acordo com Aryas mais uma prova de que Jesus não era judeu os constituem as duas representações suas encontradas nas catacumbas e que mostram face puramente ariana. Por outro lado, a tradição, a latina, no império, nos mostra sempre retratos de um Cristo loiro, dolicocéfalo, de um tipo ariano bem caracterizado. O simples acaso? Parece muito duvidoso.

O historiador francês Patry lembre-se que na época de Jesus, Galileia e Pereia tinham seu próprio tetrarca autônomo, enquanto a Judéia e Edom estavam submetidos a um procurador romano. "A separação política entre judeus de raça - diz Patry - e os judeus de religião, os primeiros na Judéia e os segundos na Galiléia, era completa." Salienta Patry que os contemporâneos de Jesus lhe chamavam o galileu e o nazareno e não o betlehemita. "De onde é - conclui o citado Patry - que Jesus não era um judeu semita, porque os judeus semitas, não tinham direito a habitar na Palestina."

Como Era Jesus cristo, humanamente falando, racialmente falando, um judeu? Quem quer que afirme tal coisa, proclama a sua ignorância, se confunde raça e religião; seu desprezo pela verdade, se, conhecendo a história da Galiléia, afirma que os galileus eram judeus. Para observar o quão grosseiro é o erro que consiste em confundir raça e religião, tomemos nesses demasiados numerosos núcleos de budistas que existem no Ocidente, particularmente em Flandres e na Holanda, ou os camponeses sérvios, bósnios, albaneses que professam a religião muçulmana, importada pelos ex-governantes turcos, e pergunte a si mesmo quem se lembraria de fazer a ligação árabe para um loiro metalúrgico de Belgrado ou chinês a um contabilista de Antuérpia.

Que os judeus galileus eram consideradas como membros de duas comunidades fundamentalmente diferentes pode ser verificado, por pouco que esteja familiarizado com os textos evangélicos: San Juan, cada vez que se refere aos judeus parece designar alguém estrangeiro, e o mesmo evangelho diz que "os judeus diziam que nenhum profeta saiu nunca da Galiléia."

Com base nos dados que nos fornece a História, na Palestina, existia uma única raça pura; uma raça que, através de severas prescrições se preserva de todo o contacto com os outros, e que se chama a raça judaica. Dissemos - e acreditamos ter demonstrado que é praticamente impossível que Jesus cristo, o homem Jesus cristo, nós insistimos em fazer isso, pertencer a essa raça. Para os que, negliqiendo os dados históricos, preferem acomodar-se com as árvores genealógicas que Dele nos oferecem os Evangelhos de São Mateus e São Lucas, só podemos dizer uma coisa: essas genealogias referem-se a San José, San José não é o pai verdadeiro de Jesus cristo, de acordo com os crentes... e também não poderia sê-lo para os não-crentes, dada a sua idade, quando

ocorreu o nascimento de Jesus. Com referência a sua mãe, Maria, nos evangelhos canônicos e nos dizem que era filha de Joaquim e Ana, e que nasceu quando ela já tinha passado da idade de maternidade. Em um dos evangelhos apócrifos, rejeitados pela Igreja católica, atribui-se a paternidade de Jesus cristo a um soldado romano, distingue-se pela sua bravura e apelidado, por isso mesmo, Pantera. Este evangelho é conhecido por Heckel em um de seus estudos sobre os primeiros tempos do cristianismo. Assim, e até aqueles que pretendem encontrar em Jesus cristo todos os defeitos devem aceitar esta evidência herege.

Qual A raça pertenceu Cristo? A honestidade intelectual impede de dar uma resposta categórica, ao menos, uma resposta categórica de tipo positivo. Negativamente, é possível afirmar que Jesus cristo não foi - não pode ser - judeu.

Apenas a Galiléia, que se distinguia das outras terras da Palestina por ser objeto de desprezo pelos mesmos hebreus, havia sido o berço apropriada da nova fé, precisamente em virtude de sua aparente modéstia e humildade (de aqui que os primeiros crentes pobres pastores e camponeses, desajeitadamente sob a lei de Israel, era necessário buscar a origem de seu salvador na linhagem real de David, quase para justificar a ousadia oposição à lei hebraica) É duvidoso que o próprio Jesus tenha pertencido à espécie hebraica, uma vez que os habitantes da Galiléia eram mal vistos pelos hebreus, precisamente por sua origem impuro.

A personalidade de um homem é impressa em sua obra. Assim, como a Nona Sinfonia só pôde ser concebida por um europeu, ou seja, a doutrina confucionista por um chinês, embora se ignorara tudo da personalidade de seu autor, é evidente que o cristianismo ou o corpo doutrinal que passou à posteridade com esse nome, não poderia ser obra de um judeu. O grande historiador do direito, Jherinq, diz: "O cristianismo representa uma vitória sobre o judaísmo, e encerra em si, desde a sua primeira origem, um germe ariano."

A situação na Galiléia entre a Fenícia e a Síria autorizar, em princípio, a presunção em favor de uma ascendência principalmente assíria, mas nunca judaica. Alguns autores, como Chamberlain, Harnack, Hugo Winckler, entre outros, inclinam-se a crer, sem poder dizê-lo com firmeza, que Jesus cristo, descendente de gregos emigrados para a Galiléia no século IV.C. As descrições de sua aparência física nos deixaram muito poucos documentos e uma relativamente abundante tradição oral, nos apresentam como um ariano, mas nada pode afirmare em concreto, exceto que não era judeu. Os seus discípulos eram galileus, como Ele, com uma única exceção. A exceção foi Judas Iscariotes, ou seja, Judas de Kerioth, uma cidade da tribo de Judá.

Jesus cristo não foi tal judeu. Não há judeus no nascimento do cristianismo, exceto, talvez, em São Paulo. Mas se querem encontrar judeus no início da missão cristã, é evidente que existe um nome que, sendo ele um verdadeiro judeu, desempenhou um papel de primeira grandeza na mesma: Judas Iscariotes.

Ao lado da pia contra-verdade do judaísmo de Cristo vem-se formando, até se tornar um outro moderno axioma, o da identidade entre anti-semitas e nacional-socialismo, ou qualquer outro movimento ou doutrina de cariz semelhante. Por outra parte, e com uma total ausência de pudor, se está pretendendo criar uma imagem na qual, a Igreja católica - e com ela as outras confissões cristãs, apresenta - se como ano seguinte, do sedicente povo eleito, protegiéndole contra os abusos e perseguições dos ímpios. Por exemplo, os cardeais Mercier, belga, Mundelein, norte-americano, e outros, montaram no bíblica raiva em 1938 porque Hitler proibiu os judeus da Alemanha desempenhar cargos públicos. O cômico do caso é que tal

disposição tinha um precedente, dado por Sua Santidade, o Papa Honório III, na bula do dia 29 de abril de 1221, Ad nostram noveritis audentiam proibia aos judeus dos Estados do vaticano, o exercício de qualquer encargo público e obrigava-os a vestir sobre a roupa um distintivo especial, visível a vinte passos de distância, e estabelecia, em sua intenção um numerus clausus. A clássica objeção: "Isso foi há muito tempo", que pode ser válida em qualquer outro caso, ou aplicada a qualquer outra entidade, não o é quando se aplica à Igreja católica, que é, por definição, universal, que está acima do espaço e do tempo, e para que uns poucos século não estão grande coisa.

No panfleto, O problema judeu como foi tratado pelos Papas (The Jewish problem ás tratado with by the Popes) são mencionados nada menos do que vinte e nove soberanos italianos que ditaram cinqüenta e sete bulas e decretos relativos aos judeus. Cada um destes cinqüenta e sete escritos seria considerado anti-semita, neo-nazista, etc., Em que eles colocam uma série de limitação às atividades dos judeus foram proibidos de usar servos cristãos; empregadas domésticas, cozinheiras e governantas eles cristãs; ocupar cargos públicos; ordena queimar o Talmude; são obrigados a usar um distintivo especial visível; recomenda-se ter muito cuidado com os conversos; proíbe os cristãos a viver junto a eles; se renova várias vezes esta proibição e proibiu os judeus de praticar a indústria; são obrigados a orar em oferta pelo pecado; se lhes proibiu a venda de novos objetos.

Em tão variado repertório não faltam as deportações e os castigos coletivos: Pio V-lhes expulsa dos Estados pontifícios, exceto as cidades de Roma e Ancora, embora reforçando a vigilância destes guetos; Clemente VIII lhes proíbe primeiro, a venda de objetos novos, depois de objetos velhos, e finalmente lhes expulsa de sua sede, Avignon; o mesmo Pontífice lhes retirou, depois de Roma e Ancora, etc, etc, etc.

Os Sumos Pontífices que hoje seriam tildados de anti-semitas foram: Honório III, Gregório IX, Inocêncio IV, Clemente IV e Gregório X, Nicolau III, Paulo III, Júlio III, Paulo IV, Pio IV, Gregório III, Sisto V, Clemente VIII, Paulo V, Urbano VIII, Alexandre VII, Alexandre VIII, Inocêncio XIII, Bento XIII e Beneditino XIV, que bateu o recorde com seis editais e bulas relativas aos judeus.

O respeitável número de vinte e nove Papas e cinqüenta e sete bulas anti-semitas, poderia, ainda, ser notavelmente ampliado, de não ser porque, a partir da bula Beatus Andreas de Beneditino XIV (22 de fevereiro de 1755) - que se refere ao martírio de um menino cristão, os judeus e cuja severidade de tom não melhoraria o Dr. Joseph Goebbels - a maior parte das bulas e editais referem já a temas gerais, já em questões de doutrina Da situação dos judeus nos Estados pontifícios, e até mesmo em outros soberanos católicos, foi regulamentada por decretos e ordenanças papais.

Para o triunfo da revolução italiana de 1759, e a posterior desaparecimento dos Estados pontifícios, as normas concernentes aos judeus de Roma foram muito rigorosas, com ocasionais relaxações de severidade. O caráter comum de todas as medidas tomadas foi o de proteger as comunidades cristãs contra a penetração da raça judaica e as idéias talmúdicas. Essas medidas podem ser agrupadas em quatro categorias:

1) Medidas de proteção diretas da fé católica: 1.1) Destruição do Judaísmo.

1.2) Proibição severa de ensino do Judaísmo e até mesmo da Bíblia, sem o prévio controle.

2) Medidas destinadas a assegurar a separação social de judeus e cristãos: 2.1) Confinación no gueto.

2.2) Proibição geral - a judeus e cristãos - de coabitação, no sentido mais amplo da expressão.

2.3) Uso de vestidos e distintivos especiais.
2.4) a Expulsão absoluta em certas áreas.

3) Medidas assegurando a protecção de determinadas profissões, preservando a influência judaica:

3.1) Cargos públicos.
3.2) Profissões liberais, especialmente a medicina.
3.3) Ensino.
3.4) Banca.
3.5) Certos tipos de comércio.
3.6) Propriedade dos terrenos.

4) Medidas relativas à raça:

4.1) Proibição do emprego, dos judeus, de empregadas domésticas babás, cozinheiras, e, em geral, toda classe de trabalhadoras femininas, não-judaicas. 4.2) Proibição de casamentos mistos (considerado como um princípio universal da cristandade)

A carta encíclica de Sua Santidade o papa Bento XIV enviada ao primaz, arcebispos e bispos da Polónia sobre as proibições aos judeus residentes nas mesmas cidades e distritos que os cristãos poloneses é um documento que, no momento, lhe teria custado ao seu autor, por muito vigário de Cristo, que fosse, a honra condenados, em qualquer eclesiástico Nuremberga. Começa Sua Santidade, recordando a tradição católica da nação polonesa e enfatizando as resoluções do Conselho de Petrikac (Petrikov), presididas pelo papa Lipomanus, bispo de Verona... nesse conselho e para a maior glória de Deus, o princípio de liberdade de consciência foi proibida e definitivamente excluído de entre os princípios, que regem a vida pública do reino. Lembre-se, então, o vigário de Cristo, as decisões do sínodo da província de Gnesen, em que os bispos poloneses tomaram as sábias medidas para a preservação de seu rei contra a perfídia judaica.

Sua Santidade lamenta, então, todas as notícias que têm vindo a sua conhecimento. Eis aqui as notícias catastróficas: "O número de judeus aumentou consideravelmente; os judeus constituíram em monopólios, especificamente no mercado de bebidas alcoólicas; se tornaram proprietários de imensas porções; e levaram a sua ousadia ao ponto de se tornar cobradores de impostos." Então chama a

atenção para o fato de que alguns cristãos tenham entrado ao serviço doméstico de judeus, o que se qualifica de monstruosa anomalia. Depois de pedir que, como reação não se cometam abusos e maus tratos contra os judeus, Sua Santidade reclama a volta à ordem saudável das coisas e da completa separação (o apartheid, diríamos hoje) de ambas as comunidades judaica e cristã, com o predomínio da vida civil.

Mesmo ignorando por um momento de seu aspecto divino, uma sociedade como a Igreja católica, duas vezes milenar, não toma suas decisões com alegria, e sem pensar cuidadosamente os prós e os contras. Seria ofender gravemente o intelecto e a sensibilidade de vinte e nove Pontífices, e de centenas de bispos, cardeais, bispos - muitos deles nos altares - que instituídas medidas anti-semitas. Parece lógico supor que se tomaram essas medidas, seus poderosos motivos teriam. Nos últimos duzentos anos, o judaísmo criou dois monstros, o capitalismo e o comunismo, foi realizado a revolução russa e a expoliación da Palestina, e contribuiu poderosamente para o desencadeamento de duas guerras mundiais, entre muitos outros sucessos a carregar a sua conta. Estamos convencidos da existência de muitos judeus decentes, inocentes dos crimes que o judaísmo cometeu e comete, mas faremos constar que não encontramos nem um judeu - nem um só! - que se tenha desolidarizado de seus congêneres do Kremlin, de Wall Street... ou da Palestina.

Não vemos, pois, nenhum motivo especial para crer que as medidas anti-semitas da Igreja, que deveriam ser boas durante dezoito séculos, fossem más, com o aparecimento do comunismo, o capitalismo e o Estado pirata de Tel-Aviv.

Notas

(1), Houston Stewart Chamberlain: Fundamentos do século XIX (The Foundations of the Nineteenth Century), pág. 286, Payot (editora suíça)

(2) Cuiabá, preço página 287.

(3) Willhausen: História de Israel e dos judeus (Israelische und Jüdische Geschichte), preço página 74.

(4) Ferenc Zajhty: Húngaros milenares (Hungarian em japonês), pág. 83 e 85.

(5) Cuiabá, preço página 88.

(6) Houston Stewart Chamberlain: Fundamentos do século XIX, pág. 285.

(7) Albert Reville: Jesus de Nazaré, tomo I, pág. 416.

(8) Houston Stewart Chamberlain: Cuiabá, preço página 289.

(9) Livro II dos Reis, XVII, 24.

(10) Graetz: História popular dos judeus (Volkstümliche Geschichte des Juden), tomo I, pág. 97.

(11) Evangelho de São João, VII, 52.

(12) Graetz: Cuiabá, pág. 575.

(13) Ernest Renan: Línguas semíticas (Langues sémitiques), pág. 230.

(14) Max Mullera: Ciência da linguagem (Science of language), pág. 169.

(15) Louis Marschalsko: Conquistadores do mundo (World conquerors), pág. 19.

(16) A verdadeira Europa (L'Europe Réélle), N103, agosto de 1968, Bruxelas.

(17) Patry: A religião na Alemanha de hoje (La réligion dans L' Allemagne d' aujourd' húi), pág. 165.

(18) A separação entre judeus e galileus era tão acentuada que, segundo citação de Franz Michel Willam na vida de Jesus no país e ao povo de Israel (pág. 146), havia um ditado que dizia: "Os galileus estimam mais a honra que o dinheiro; os judeus, mais o dinheiro do que a honra." Este fato marca já uma diferença profunda entre os dois povos.

(19) Evangelho de São João, VII, 52.

[20] Savitri Devi: Paul de Frasco, pág. l.

[21] Richard Wagner: Religião e arte, pág. 18.

[22] Jherinq: Antecedentes dos indo-europeus (Vorgeschichte des Indoeuropäer), pág. 300.

(23) O publicitário norte-americano Howard B. Rand, há de notar que, em seu panfleto editado pela Cruzada Nacional Cristã (Christian National Crusade), em Los Angeles, Califórnia, que Jesus cristo não foi um judeu, no sentido em que os judeus são definidos hoje. Insiste em que, segundo a Bíblia, a palavra judeu aparece, pela primeira vez, no Livro II dos Reis (XVI, 6) onde chama Yehudim (judeus, os filhos de Judá) os membros de uma tribo do sul da Palestina, e que os descendentes dessa tribo são os atuais judeus. Os filhos das outras tribos, as chamadas tribos perdas, isto é David, Benjamim, Dã, Zebulom, etc., não têm nada que ver com os atuais judeus - da tribo de Judá, apenas - e se misturaram na Rússia (o atual Cazaquistão) com os khazares, uma tribo turco-mongol, que adotou a religião judaica. Estes são os actúales judeus, que nem por sua raça khazar (turco-mongol) ou pelo seu ramo palestina (da tribo de Judá) tem o menor parentesco com as mencionadas, incluindo a de Davi, da qual se diz descendente, o pai de Jesus.

[24] Livro de Josué: XV, 25.

(25) Evidentemente, utilizamos esta expressão consciente de sua imprecisão e como concessão à inércia mental dominante, que altera o significado das palavras; anti-semitismo, que etimologicamente significa contrário à dos semitas, isto é, os povos de descendência de Sem, incluindo os árabes, tornou-se, com o babelismo conceitual que sofremos, em oposição aos judeus.

[26] Editado pela Cruzada Nacional Cristã em St. Louis, Missouri.

[27] Gregório IX: Sufficere debuerat perfidiae Judaeorum.

[28] Inocêncio IV: Iníqua Judaeorum perfídia.

[29] Honório III: Ad nostram noveritis audentiem.

[30] Inocêncio IV: Iníqua Judaeorum perfídia.

[31] Além do mencionado Honório III, Martinho V: Saedes Apostólica.

[32] João. XXII: Ex parte vestra.

[33] Eugénio IV: Dudum ad audientiam nostram, Calixto III: Se o ad repreminfos.

[34] Paulo IV: Cum nimis absurdum.

[35] Gregório XIII: Antiga Judaeorum improbitas e Sancta Mater Ecclesiae.

[36] Clemente VIII: Cum saepe accidere.

[37] Pio V: Hebraeorum gens.

[38] Clemente VII: Caeca et obdurata.

[39] Goffredo.

"Quem Era Jesus, humanamente falando, racialmente falando, um judeu? Quem quer que afirme tal coisa, proclama a sua ignorância, se confunde raça e religião; seu desprezo pela verdade, se,
conhecendo a história da Galiléia, afirma que os galileus eram judeus."

(José Bochaca)